

DAROLINE DMIQUITELLI  
DANIEL AUGUSTO DHAIVES  
GLAYDSON S. F. DE S. FILHO

MARYANA BAROLINE DO NASCIMENTO  
PEDRO LUDAS FLORA DUGALPH  
VIVIANE JORTIEKE FATTORE

# KEBRADÁHH

AS FACES DA CULTURA MARGINAL E SUAS  
EXPRESSIONES ARTÍSTICAS



# INTRODUÇÃO

As culturas marginalizadas são expressões de grupos minoritários que demonstram desvio ou oposição ao conjunto de ideais dominantes, através de representações artísticas diversas. Buscam representar suas experiências, compartilhadas por viverem uma mesma condição social, como a racial, orientação sexual, identidade de gênero e, até mesmo, de perseguição política.

Tratar de culturas marginalizadas relaciona-se com a proposta do E-zine, à medida que a ciência envolvida é a social, a metodologia vem das pesquisas de campo que são produzidas em contato com esses grupos. Quanto ao eixo de tecnologia, cabe expor a forma que os movimentos artísticos empregam técnicas revolucionárias no processo criativo, além do papel das mídias sociais em ampliar o alcance deles.

É imprescindível aprofundar-se na vivência coletiva desses grupos de indivíduos, sua posição na sociedade e como são influenciados por ela. A linguagem tem seu protagonismo ao representar os dialetos, presentes na comunicação dentro dos espaços marginalizados criativos, já que podemos considerá-la como base da construção de todas as culturas, de alguma forma.

O objetivo do e-zine é trazer visibilidade acadêmica para grupos marginalizados, que também são excluídos dos campos de pesquisa.

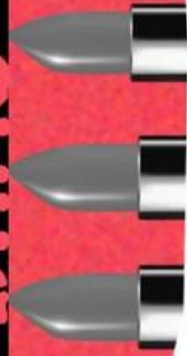


## SUMÁRIO

- 1- INTRODUÇÃO E SUMÁRIO;**
- 2 À 3- "DRAG";**
- 4 À 5- "LITERATURA MARGINAL";**
- 6 À 8- "FUNK PERIFÉRICO";**
- 9 À 10- "BATALHAS DE MDS";**
- 11- BIBLIOGRAFIA.**



# CULTURA DRAG



## CONCEITO

Drag consiste, basicamente, em uma expressão artística que brinca com os papéis e padrões de gênero, fortemente influenciado pela vida noturna das grandes metrópoles e influenciando, até os dias atuais, diversas artes estética e performaticamente. No Brasil, pode-se dizer que as primeiras drags foram as chamadas transformistas, pessoas - em maioria LGBTQ - que se “montavam” para transformarem-se em uma figura vista como feminina.

Tal expressão artística, geralmente atrelada ao teatro, se vê presente em vários contextos históricos: na Grécia Antiga; na Idade Média Europeia; Ásia Tradicional, contendo expressões da cultura chinesa, japonesa - no Teatro Kabuki, tailandesa - no teatro Topeng, e indiana; Europa Moderna -destacando-se o teatro Elisabetano, entre outros.

Acredita-se que o dramaturgo Shakespeare marcava no rodapé da página de suas peças a sigla D.R.A.G., dressed as a girl (em português, vestido de menina) para a personagem mulher que seria interpretada por um homem, mesmo que essa origem não seja tão bem confirmada. (AMANAJÁS, 2014, p. 9, 10). Se torna menos comum com a inserção das mulheres no teatro e se transforma, até, em motivo de piada.

A mídia, como um todo, sofre uma revolução após a Segunda Guerra Mundial, abrindo caminho para a exposição dessa arte nos programas televisivos. A arte drag teve que se reinventar, vista que nas boates as artistas eram substituídas por DJs e MCs que dominavam a noite, pode-se dizer que nesse ponto surge o fenômeno televisivo “RuPaul’s Drag Race”, que revoluciona a arte drag para sempre.

É equivocado acreditar que o cenário drag brasileiro é somente influenciado pelas estadunidenses, já que é notória sua expressão muito antes da repentina popularidade do reality show. Para essas artistas, gênero era um conceito que subvertido relacionava-se à revolução social, muitas dessas foram perseguidas nos tempos da Ditadura Militar do Brasil. Não obstante, a origem marginalizada de suas precursoras explica o interesse em reclamar um espaço comumente negado, isto é, não podiam experimentar certas maquiagens, roupas e expressões, o palco era o lugar onde isso era apreciado e visto por todos.

Pode-se dizer também que está confusa a noção que drag zomba ou estereotipa elementos femininos e masculinos, já que as artistas que o construíram também estão envolvidas aos padrões de gênero da nossa sociedade, além de ignorar a identidade feminina de muitas pessoas que participam e são importantes para o drag.





## CONTEXTO HISTÓRICO

Na década de 1970, a estética colorida e extravagante de grupos como Secos & Molhados e dos atores e bailarinos do Dzi Croquettes, que chamaram a atenção da fotógrafa Madalena Schwartz. (STEFANEL, Xandra. 2003) A intenção era provocar uma certa indignação nos setores machistas e homofóbicos da sociedade, mesmo que através do choque.

Muitos dos músicos brasileiros da época, de alguma forma, se relacionavam com a arte drag, mesmo que não o fossem de fato, como no caso de algumas bandas do famoso movimento tropicalismo. Existia uma vontade muito grande de produzir algo que contestasse o cenário da época, isto no mesmo período que Caetano Veloso e Gilberto Gil já haviam sido presos e outros estavam exilados. (Globo Teatro, 2013)

A montagem desses grupos teatrais reutilizava práticas do Cabaret, bem como elementos carnavalescos. A influência que tiveram na cultura brasileira é visível até hoje, muitos artistas se inspiraram no estilo. No cenário musical, temos Ney Matogrosso, além do grupo As Frenéticas. Ou seja, seu impacto cultural é gigantesco, chegando até em outros países, como na França e Estados Unidos.

O grupo das Dzi Croquettes foi perseguido, junto de outros artistas e pessoas marginalizadas, pelos militares, além de ser visto como chacota por alguns setores artísticos, independentemente disto o público o amava.



## DRAG FORA DOS PALCOS

O fazer drag ainda se relaciona com a Teoria Queer no sentido de se desviar da normatização, que é desafiada nessa troca de gênero e questionada por esses artistas. (BANDEIRA, BARROS e SILVA. 2017)

O glamour conceitual dessa arte inspira a moda até hoje, como vemos nas inspirações do estilista Jean Paul Gaultier para as suas passarelas (BANDEIRA, BARROS e SILVA. 2017). A cultura drag chegou a inspirar também momentos do pop internacional como o protagonizado pela cantora

Madonna, que incorporou o estilo de dança chamada voguing em uma de suas músicas, este nasceu nos ballrooms do Harlem, em Nova Iorque, espaço composto por estadunidenses marginalizados em sua maioria negros e LGBTQ.

O fazer drag abre a possibilidade das pessoas analisarem outras formas de ser, ao mesmo tempo que ajuda na descoberta da identidade pessoal delas e no fortalecimento do grupo que o cria: o LGBTQ. Ao mesmo tempo que pessoas hétero e cis possam participar da sua produção, é importantíssimo pontuar as margens da sociedade na qual tal arte foi lapidada.

Nos dias atuais, drag saiu exclusivamente do lugar performático, para adentrar as passarelas, as sessões de foto e a grande mídia, porém não em tom de comédia ou chacota, mas sim como algo a ser apreciado. Artistas como Pablo Vittar, Gloria Groove e Bianca DellaFancy são vistas em capas da Vogue em 2020, lugar antes ocupado apenas por celebridades e artistas normativos.



# LITERATURA MARGINAL

## ORIGENS

Durante a década ditatorial de 70, o período de maior repressão das atividades artísticas e intelectuais do Brasil, surge a “geração mimeógrafo” ou a “literatura marginal”.

Buscando rebelar-se contra as obras metodicamente produzidas pela elite, membros da periferia passaram a produzir seus próprios trabalhos artesanalmente e distribuí-los em locais públicos.

No final da década de 80 a literatura marginal ganhou seu espaço no mercado editorial, trazendo consigo as vozes de cidadãos que enfrentavam a violência e a miséria, nas palavras de um dos símbolos do movimento, Sérgio Vaz: Antigamente falavam da gente; Hoje, falamos nós mesmos.



## AUTORES NOTÁVEIS

Ferréz, um romancista, contista, poeta e empreendedor brasileiro, lançou o “Capão Pecado” em 2000, e se tornou um marco da literatura marginal, é criador da marca de periferia “1daSul”, e foi colunista da revista Caros Amigos durante 10 anos.

Sérgio Vaz, considerado o poeta da periferia, além de cronista e produtor cultural, é fundador da Cooperifa, criada em 2000 e autor de “Subindo a ladeira mora a noite”.

Sacolinha, ativista cultural, faz palestras sobre literatura e questões raciais, desenvolve eventos literários, e criou o Projeto Cultural Literatura no Brasil em 2002, e é também o escritor de “Graduado em Marginalidade”, publicado em 2005.



seja marginal  
seja herói 4

## NOS DIAS ATUAIS

Com o avanço das mídias sociais, a voz da periferia foi amplificada para o globo. O compartilhamento de informação em períodos curtos de tempo possibilitou que a vivência de diversos autores marginalizados pudessem tocar outros, que se identificam com os relatos de violência e preconceito retratados cruamente em suas obras. Os vídeos de Slams e os Saraus são grandes exemplos de como essa cultura “de rua” pode ser transferida para o virtual.

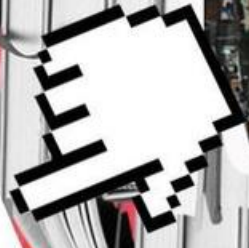
## LITERATURA MARGINAL E A PERIFERIA

“Cooperifa” (Cooperativa Cultural da Periferia) foi fundada em 2000 pelo autor Sérgio Vaz com o intuito de reunir artistas periféricos e desenvolver atividades culturais, como teatro e exposição de fotografia em vários lugares pela comunidade, integrando os moradores nesse âmbito cultural.

“IdaSul” foi criada em 1º de Abril de 1999 pelo Ferréz no Capão Redondo, é uma marca feita na periferia e para ela, fazendo com que os residentes deixem de usar marcas elitizadas e sobrestimadas, passando a vestir a grife do próprio bairro, valorizando a cultura e impulsionando comerciantes locais.

O “Projeto Cultural Literatura no Brasil” elaborado em 2002 foi oficialmente fundado em 2005 por Ademiro Alves, o Sacolinha, agora com o nome “Associação Cultural Literatura no Brasil”, criado com o objetivo de divulgar e incentivar a leitura de produções literárias concebidas na periferia.

Cooperifa



# PUXANDO O FUNDAMENTO

## ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO FUNK NO BRASIL



Já parou para pensar que o “menor” que hoje grava um vídeo cantando funk enquanto outro faz o beat com a palma e outro registra tudo em um celular velho, amanhã pode ser um cidadão bem sucedido? É isso mesmo, da palma para o mundo. É assim que entendo a essência do funk no Brasil e seu desenvolvimento, que além de um gênero musical, também é um grito de lazer, cultura, arte, sonhos, estilo e representatividade.



De raiz afro descendente, o funk tem origem estadunidense, entretanto nos anos 70, a batida chegou no Rio de Janeiro embalada nos tradicionais Bailes Black ocupados pela população periférica dos subúrbios cariocas. De lá pra cá, o estilo musical passou por diversas fases e modificações líricas/sonoras, desenvolvendo-se no Brasil com os subgêneros que vão desde o Funk Proibidão até o Funk Consciente, de norte a sul.





**"VOU SER A CHAVE QUE ABRIU A  
TUA MENTE  
VOU SER A MODA QUE INSPIRA  
TANTA GENTE  
VOU SER PRAS PATRIDINHA A  
PAIXÃO DE FIDÃO  
VOU SER PRAS ARLEQUINA A  
PEGADA DE UM VILÃO  
VOU SER O GUIA DE UMA, PORR SHE  
PANAMERA  
VOU SER REPRESENTANTE DE TODA  
MASSA FUNKEIRA"**



# FUNK É POESIA

**MC RYAN SP E HARIEL**

**"FOI GARIMPANDO NA VIELA  
QUE EU ESTOUREI A BOA  
NÃO FOI VENDENDO DRACK  
FOI BATENDO PALMA  
DANTANDO FUNK PROS PARDEIRO  
EM RESPEITO À DOROA  
A DADA VERSO QUE NÓIS MANDA  
ALIVIA UM TRAUMA"**



**"NA QUEBRADA  
OS FUNKS DO MARKS  
ENSINAM MAIS  
QUE OS LIVROS  
DE KARL MARX"**





# BATALHA DE MC'S

## HISTORIA

A batalha de MCs é um dos mais recentes fenômenos na Cultura Hip-Hop, origina-se das rodas de rima improvisada comuns em eventos do Hip-Hop até o final dos anos 1990, quando a prática ainda não se configurava como uma disputa entre os MCs. O que chamamos cultura Hip-Hop é um movimento de matriz contracultural e afrodiáspórica do final dos anos 1970, nascido nos bairros negros da cidade de Nova Iorque - nos Estados Unidos - e partilhado em quatro elementos fundamentais: o DJ - Disk Jockey - responsável pelas mixagens características da música RAP, o MC - Mestre de Cerimônia - o condutor do público e das ideias, o Break - ou dança de rua- e o Graffiti. Cultura essa que chega ao Brasil já nos anos 1980 e terá a estação de metrô São Bento, na cidade de São Paulo, como seu berço no país.

Dos anos 1980 para cá a cultura Hip-Hop cresceu globalmente, o RAP - sigla para Rhythm And Poetry - passou a ser o gênero musical mais ouvido no mundo, possuindo inclusive uma vertente nacional do gênero bastante consolidada. A cultura Hip-Hop nos últimos 40 anos tornou-se uma das principais válvulas de produção cultural, artística e de subjetividade política da juventude negra no Brasil e no mundo.

Neste contexto nascem as batalhas de rima nos anos 2000, quando grupos de jovens decidem implementar experiências diversas de ocupação do espaço público a partir dos elementos da Cultura Hip-hop. Cada um dos elementos terão uma diferente inserção no espaço urbano, no caso das batalhas de MCs estes eventos se configuram como arenas de embate entre MCs de diversas regiões da cidade ou do país (à depender do tamanho da batalha em questão) em que os MCs disputam em um duelo de rima improvisadas, os votos no público. Espaços esses onde geralmente acontece o primeiro contato em torno do RAP, para aqueles que emergem na cultura. Nas palavras de Miranda (2021): “onde jovens socializam, conhecem os rappers locais e por meio da improvisação, os iniciantes nesta arte ganham visibilidade.”





## DESENVOLVIMENTO

Os critérios levados em conta pelo público para que um MC ganhe seu voto são vários e estão para além do conteúdo das rimas meramente (o que de fato também é bastante importante), soma-se à esse quesito a valorização da rapidez no raciocínio para improvisar os ataques e respostas, bem como a criatividade das rimas dos MC, associado a uma boa métrica e um bom flow - cadenciamento das rimas. Esteticamente o freestyle destaca-se por ser um tipo de canto-falado, rimado e ritmado, e a forma de organizar as rimas lembra as "quadrinhas", as estrofes de quatro tempos (CASCUDO apud TEPERMAN, 2011). Disso resulta a semelhança com outros desafios cantados presentes na cultura brasileira como o cururu, a embolada, o partido-alto e o repente (MIRANDA, 2021).

Tais eventos constituem espaços de politização da vida social e criação de identidades subjetivas, a partir de regimes de sociabilidade que afastem o quanto possível a reprodução de preconceitos e estigmas sociais (GOMES, 2019). Espaços estes que se consolidam em centros urbanos de todo o país e são compreendidos por seus partícipes como territórios de resistência da arte urbana. Cada um desses espaços pode ser por nós apreendido como um “pedaço do Hip-Hop”, no sentido de se tratar de pequenas frações de grandes redes de sociabilidade que tem por fundamento de reprodutibilidade social o protagonismo da juventude e da cultura negra (MIRANDA, 2021).

Mas para além dos referidos aspectos e para além do fenômeno urbano, as Batalhas de MCs são também um fenômeno digital. Diversos desses espaços abriram canais em plataformas digitais como YouTube e Twitch acumulando milhões views por todo o país e popularizando ainda mais essa expressão da Cultura Hip-Hop. Um grande exemplo disso é a Batalha da Aldeia, batalha que nasceu em Barueri na grande São Paulo e vai a cabo toda segunda-feira às 19h, sendo transmitida ao vivo para milhares de pessoas na plataforma Twitch e depois recortada em diversos vídeos e hospedada em um canal no YouTube que conta com 3,59 milhões de inscritos, possuindo vídeos com mais de 10 milhões de visualizações.





# BIBLIOGRAFIA

- AMANAJÁS, I. A. . *Drag Queen: um percurso pela arte dos atores transformistas*. Revista Belas Artes, v. 1, p. 21, 2014. Disponível em: <<https://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-histori-co-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>>.
- BANDEIRA, Álvaro; BARROS, Simone; SILVA, Heitor. *Cultura Drag Queen: o que leva uma pessoa a se montar*. Colóquio de Moda, 2017. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/PO/po\\_3/po\\_3\\_Cultura\\_Drag\\_Queen.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/PO/po_3/po_3_Cultura_Drag_Queen.pdf)>.
- Bisi: Dzi Croquettes marcou a cultura brasileira com irreverência. Globo Teatro, 2013. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoteatro/bis/noticia/2013/09/com-irreverencia-dzi-croquettes-mar-cou-cultura-brasileira.html>>.
- BRAGANÇA, L. Fragmentos da babadeira história drag brasileira. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 13, n. 3: Dossiê 40 anos do Movimento LGBT no Brasil: visibilidades e representações, 2019. Disponível em: <<https://www.recuis.icict.fiocruz.br/index.php/recuis/article/view/1703/2290>>
- Cooperifa completa 10 anos de poesia e cidadania na periferia de São Paulo. Instituto Pólis, 2011. Disponível em: <<https://polis.org.br/noticias/cooperifa-completa-10-anos-de-poesia-e-cidadania-na-periferia-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 01 de novembro de 2021.
- EBLE, Tais Aline; LAMAR, A. R. . A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemonia e a identidade cultural periférica. Especiaria UESC, v. 16, p.194, 2015.
- FACINA, A. “Não me bate Doutor”: funk e criminalização da pobreza, p.2. 2009.
- GOMES, Amanda Ferreira. *Batalhas de MC's de Hip Hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica*. Revista Extraprensa, v. 12, p. 838-860, 2019.
- LEITE, Eleilson. *Literatura dos Arrabaldes: Buzo, Ferréz e Sacolinha*. Outras Palavras, 2020. Disponível em <<https://outraspalavras.net/poeticas/literatura-dos-arrabaldes-buzo-ferez-e-sacolinha/>>. Acesso em: 01 de novembro de 2021.
- MANFRERE, Dayane. *Literatura Marginal: um grito para o mundo*. Homo Literatus, 2014. Disponível em: <<https://homoliteratus.com/literatura-marginal-um-grito-para-o-mundo/>>.
- MIRANDA, Regiane Smocowisk. *Jovens rimadores em batalhas de MCs em Salvador*. Salvador, Enecult, 2021. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132280.pdf>>.
- NASCIMENTO, Érica Pecanha do. *Por uma interpretação antropológica da literatura marginal dos escritores de periferia*. Plural (USP), São Paulo, v. 12, p. 21-46, 2005.
- SOARES, Mei Hua. *A literatura marginal-periférica na escola*. São Paulo, 2009.
- STEFANEL, Xandra. *Transformistas e travestis são tema de Museu da Diversidade*. Rede Brasil Atual, 2013. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2013/05/transformistas-e-travestis-sao-tema-de-museus-da-diversidade-8477/>>.